

Estudos em Escrita Criativa

Patricia Gonçalves Tenório¹

Fevereiro, 2021

Um pulo

<https://www.youtube.com/watch?v=yIF69J76IUM>

Vindo pelo cais José Estelita, atravessamos a ponte do Forte das Cinco Pontas, no qual Frei Caneca foi executado em 1825 por ter sido líder na Revolução Pernambucana e na Confederação do Equador; pegamos à esquerda no cais de Santa Rita e passamos pela frente do cais do Imperador, onde Dom Pedro II e suas filhas desembarcaram em novembro de 1859; arrodamos a praça da República, com o palácio Campo das Princesas, o teatro Princesa Isabel e o baobá que inspirou Saint-Exupéry na escrita de *O pequeno príncipe*. Novamente à esquerda, passando pela frente do restaurante Leite, pelas Casa da Cultura e Estação Central Ferroviária, ambas construídas em 1850; atravessamos a ponte Velha e pegamos à direita na rua da Aurora, vemos o cinema São Luiz e seus vitrais, a avenida Guararapes, finalizada em 1937, e, a rua do Riachuelo, onde nasce a transversal rua da União.

Em um pulo, varremos quase duzentos anos de história e chegamos ao número 263 da rua da União, onde morava Antonio José da Costa Ribeiro, avô materno de um dos maiores poetas brasileiros, e onde este residiu dos seis aos dez anos, forjando no espaço físico o seu imaginário poético, a sua mitologia pessoal. Trata-se de Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho, ou, simplesmente, Manuel Bandeira.

Bandeira cantou nossa cidade, conheceu nossa cidade como se ela estivesse na palma da sua mão. Ou melhor: como se fosse um estrangeiro, ou mesmo um paciente terminal que visitasse a cidade do Recife no último dia de vida.

¹ Escritora, vinte livros publicados, sendo um no formato de vídeo podcast, mestre em Teoria da Literatura (UFPE) e doutora em Escrita Criativa (PUCRS). Contatos: grupodeestudos.escritacriativa@gmail.com e <https://www.youtube.com/estudosemescritacriativa>

Ao oferecer este guia ao público, reafirmamos nossa convicção de que só conhecemos mesmo a cidade e seus monumentos quando caminhamos a pé, descobrindo os detalhes, sentindo as peculiaridades, especulando sobre o passado e projetando o futuro.²

Assim como Plínio Santos-Filho e Francisco Carneiro da Cunha nos ofereceram *Um dia no Recife*, tentaremos viajar com Bandeira, através de seus poemas, pelos cantos preciosos da cidade do coração que tanto soube cantar em seus versos, a cidade que tanto inspirou o poeta e que pode, aliada às técnicas de Escrita Criativa descobertas na leitura da antologia organizada pela doutora em Literatura Brasileira pela UFRGS Mara Jardim, nos inspirar também.

O arquiteto

Se João Cabral de Melo Neto foi o engenheiro lapidador dos versos, Manuel Bandeira foi o arquiteto. Um arquiteto frustrado na vocação, mas ganhamos um grande poeta. A tuberculose o condenou à morte precoce, por isso o abandono dos estudos em arquitetura e o mergulho imprescindível para sobreviver nos poemas, a construção da cidade imaginária da Poesia.

Sou bem-nascido. Menino,
Fui, como os demais, feliz.
Depois, veio o mau destino
E fez de mim o que quis.³

A dor e o sofrimento são o cimento e os tijolos do seu fazer poético, os arrimos que lhe permitem sustentar a frágil e escassa vida.

Só a dor enobrece e é grande e é pura.

² As informações aqui disponibilizadas foram recolhidas das caminhadas de SANTOS-FILHO, Plínio; CUNHA, Francisco Carneiro da. *Um dia no Recife*. Olinda: AERPA Editora, 2008, p. 7. Os autores também disponibilizaram informações de caminhadas na cidade-irmã em *Um dia em Olinda*. Olinda: AERPA Editora, 2008.

³ BANDEIRA, Manuel. Epígrafe. In *A cinza das horas*. In *Bandeira de bolso: uma antologia poética*. Porto Alegre, RS: L&PM, (1917 in) 2008, p. 25.

Aprende a amá-la que a amarás um dia.

Então ela será tua alegria,

E será, ela só, tua ventura...⁴

Mas nem só de sofrimentos se forja a cidade. Ela também é feita de sonhos, e Carnaval, e os versos pululando, entre risos e ironia, em plena Semana de Arte Moderna, nos lábios de Ronald de Carvalho.

Lá, fugido ao mundo,

Sem glória, sem fé,

No perau profundo

E solitário, é

Que soluças tu,

Transido de frio,

Sapo-cururu

Da beira do rio...⁵

Bandeira conversa com o refrão de Edgar Allan Poe,⁶ então o efeito, o tom e a intenção do poeta da América do Norte reverberam no poeta da América do Sul, como se fosse um eco entre quatro paredes.

E enquanto a mansa tarde agoniza,

Por entre a névoa fria do mar

Toda a minh'alma foge na brisa:

Tenho vontade de me matar!

⁴ BANDEIRA, Manuel. Renúncia. In *A cinza das horas*. In Op. cit., (1917 in) 2008, p. 39.

⁵ BANDEIRA, Manuel. Os sapos. In *Carnaval*. In Op. cit., (1920 in) 2008, p. 43.

⁶ No módulo sobre a Língua Inglesa dos EECs On-line 2020, descobrimos em POE, Edgar Allan, A filosofia da composição, In *Poemas e ensaios*, Tradução: Oscar Mendes e Milton Amado, Revisão e notas: Carmen Vera Cirne Lima, 3ª ed. Revista, São Paulo: Globo, 1999, que o poeta da América do Norte nos apresenta, sem reservas, a construção de seu poema mais conhecido, “O corvo”, servindo-se do recurso do refrão “Nunca mais” em diferentes situações e sentidos.

Oh, ter vontade de se matar...
Bem sei é cousa que não se diz.
Que mais a vida me pode dar?
Sou tão feliz!⁷

Mas em *Libertinagem*, lá nos idos de 1930, Bandeira, talvez cansado, talvez conformado com o destino de esperar a Dama Branca que nunca chega, sai de si e olha pela janela da própria Casa-Poesia, aquela forjada com o cimento dos versos, do silêncio e da dor.

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto
[expediente protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor

Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no
[dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo

Abaixo os puristas⁸

A casa

Em *O arco e a lira*, o poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz nos apresenta a casa forjada com versos, silêncio e dor.

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de mudar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos escolhidos, alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; retorno à terra natal.

⁷ BANDEIRA, Manuel. Felicidade. In *O ritmo dissoluto*. In Op. cit., (1924 in) 2008, p. 55, sublinhado nosso.

⁸ BANDEIRA, Manuel. Poética. In *Libertinagem*. In Op. cit., (1920 in) 2008, p. 74-75.

Inspiração, respiração, exercício muscular. Prece ao vazio, diálogo com a ausência: o tédio, a angústia e o desespero a alimentam.⁹

Da mesma forma, ainda em *Libertinagem*, da janela do apartamento na antiga rua do Curvelo, no bairro de Santa Teresa, Rio de Janeiro, Bandeira realiza sua revolução, exerce a libertação interior ao reconstruir as ruas do Recife de sua infância, a começar pelas paredes da casa do avô materno na rua da União...

A Rua da União onde eu brincava de chicote-queimado
[e partia as vidraças da casa de Dona Aninha Viegas
Totônio Rodrigues era muito velho e botava o pincenê
[na ponta do nariz
Depois do jantar as famílias tomavam a calçada com
[cadeiras, mexericos, namoros, risadas¹⁰

... e evocar as ruas de sua infância pelos próprios nomes...¹¹

Rua da União...
Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância
Rua do Sol
(Tenho medo que hoje se chame do Dr. Fulano de Tal)
Atrás de casa ficava a Rua da Saudade...
...onde se ia fumar escondido
Do lado de lá era o cais da Rua da Aurora...
...onde se ia pescar escondido¹²

⁹ PAZ, Octavio. Poesia e poema. In *O arco e a lira*. Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 21.

¹⁰ BANDEIRA, Manuel. Evocação do Recife. In *Libertinagem*. In Op. cit., (1930 in) 2008, p. 80.

¹¹ Bandeira é um dos poetas homenageados no Circuito da Poesia na cidade do Recife. São esculturas em tamanho real de escritores e poetas pernambucanos, entre eles Ascenso Ferreira, Carlos Pena Filho, Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto e Luiz Gonzaga. Maiores informações: <http://www2.recife.pe.gov.br/servico/circuito-da-poesia?op=MTMy>

¹² BANDEIRA, Manuel. Evocação do Recife. In *Libertinagem*. In Op. cit., (1930 in) 2008, p. 81.

... até chegar ao país imaginário, ao não lugar utópico nomeado de Pasárgada.¹³

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada

[...]

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
– Lá sou amigo do rei –
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.¹⁴

E o devaneio sobre a linguagem de Manuel Bandeira, Yves Bonnefoy... e tantos outros poetas que carregam nos versos suas Casas-Poesias, parece ocupar dois lugares ao mesmo tempo, como se obedecesse às leis da física quântica.

Estás em tudo que penso,
Estás em quanto imagino:

¹³ Em entrevista para Patricia Gonçalves Tenório e Isabele Macor-Filarska na *Revista Calibán*, n. 10, Rio de Janeiro: Calibán, 2007, p. 9-10, o poeta francês Yves Bonnefoy descreve esse país imaginário também citado por Bandeira: “O país que sonhei sob esse nome seria uma parte de nosso mundo, ou seja, qualquer coisa tão real quanto o lugar onde eu viveria com as mesmas árvores, as mesmas pedras. Ele, por exemplo, poderia ter uma de suas regiões em um vale no meio daquela Itália central que, outrora, eu percorria. Aqui, a relação dos seres falando à realidade natural e social seria diferente, justamente pelo fato de existir outra relação com a linguagem, sobre a qual eu imaginava haver, na sua profundidade, possibilidades desconhecidas de nós que vivemos ‘aqui’. O país-anterior, no meu livro, no meu pensamento, é, essencialmente, um devaneio sobre a linguagem.”

¹⁴ BANDEIRA, Manuel. Evocação do Recife. In *Libertinagem*. In Op. cit., (1930 in) 2008, p. 81.

Estás no horizonte imenso,
Estás no grão pequenino.

[...]

Em tudo estás, nem repousas,
Ó ser tão mesmo e diverso!
(Eras no início das cousas,
Serás no fim do universo.)

[...] ¹⁵

Por fim, essa relação tempo-espaço, tempo tão presente no primeiro escritor estudado nos Estudos em Escrita Criativa On-line, Osman Lins, acompanha o irmão-poeta pernambucano Manuel Bandeira, quando, aproximando-se do encontro com a sempre (apesar de indesejada) aguardada Dama Branca, recolhe versos dos quartos, da sala, cozinha, varanda das Casas-Poesia que habitou a vida inteira, vida, contra todas as probabilidades, que se encerra aos oitenta e dois anos.

A vida
Não vale a pena e a dor de ser vivida.
Os corpos se entendem mas as almas não.
A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

Vou-me embora p'ra Pasárgada!
Aqui eu não sou feliz.
Quero esquecer tudo:
A dor de ser homem...
Este anseio infinito e vão
De possuir o que me possui.

¹⁵ BANDEIRA, Manuel. Ubiquidade. In *Lira dos Cinquent'anos*. In Op. cit., (1940 in) 2008, p. 110-111.

[...]

Quando a Indesejada das gentes chegar
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa.
A mesa posta,
Com cada coisa em seu lugar.¹⁶

Filmes sobre Manuel Bandeira e a Escrita Criativa

- 1) *O poeta do castelo* (1959): <https://www.youtube.com/watch?v=PCzyBUthBxM>
- 2) *Cleonice Berardinelli fala sobre Manuel Bandeira* (2015):
https://www.youtube.com/watch?v=KlutFmMz_wM
- 3) *Caderno de Poesias I, Maria Betânia* (2016):
<https://www.youtube.com/watch?v=P0zBre0r2Jk>

Exercício de desbloqueio

A exemplo de Plínio Santos-Filho e Francisco Carneiro da Cunha, e sob a inspiração dos versos de Manuel Bandeira, passeiem pelas ruas de suas cidades natais, fisicamente ou através da imaginação, e descrevam o que veem, o que sentem, o que vibram, em forma de poemas, ficção, não ficção, por escrito, por imagens fotográficas ou vídeos.

¹⁶ BANDEIRA, Manuel. Antologia. In *Estrela da tarde*. In Op. cit., (1960 in) 2008, p. 144-145.